

7 Referências bibliográficas

ARNOLD, J. & BROWN, H. D. Introduction: A Map of the terrain. In: ARNOLD, J. (Ed.), **Affect in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 1-24.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. [1929-1930] Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da Criação Verbal**. [1979] Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

_____. **Estética da Criação Verbal**. [1979] Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 1982.

BARBARA, L.; RAMOS, R. de C. G. (Orgs.). **Reflexão e Ações no Ensino-Aprendizagem de Línguas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A., TEZZA, C., CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. [1996] Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p. 21-42.

_____. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997, p. 27-38.

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo. Edusp, 1994.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 191-200.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

BRAIT, B. & MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 37-60.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Apresentação: Carlos Roberto Jamil Cury. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, G. Os apontamentos de Bakhtin: uma profusão temática. In: FARACO, C. A., TEZZA, C., CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. [1996] Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p. 93-112.

CELANI, M. A. A. (Org.). **Professores e Formadores em Mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

CELANI, M. A. A.; MAGALHÃES, M. C. C. [2000] Representações de professores de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Org.). **Identities: recortes multi e interdisciplinares**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002, p. 319-338.

DUDAS, T. L. Investigando as representações do professor de inglês da rede pública sobre sua prática docente. In: CELANI, M. A. A. (Org.) **Professores e Formadores em Mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002, p. 161-173.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. C. (Ed.) **Handbook of Research on Teaching**. 3. ed. New York & London: MacMillan, 1986, p. 52-66.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 37-60.

FARACO, C. A.; CASTRO, G. de; TEZZA, C. (Org.); Brait, B. et alii. **Diálogos com Bakhtin**. [1996] 3. ed. Paraná: Editora da UFPR, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo, Ática (Série Princípios, 137), 1988.

FREITAS, M. T. de A. **Vygotsky e Bakhtin, Psicologia e Educação**: um intertexto. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GIROUX, H. A. **Os Professores Como Intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. [1963] Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988, p. 7-50.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.103-133.

HORIKAWA, A. Y. **As representações e a prática pedagógica transformadora**: uma análise do discurso da e na sala de aula. São Paulo, 2001. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.

ISAT – Instituto Superior Anísio Teixeira. Disponível em <<http://www.isat.edu.br/>>. Acesso em: 15 abr, 2006.

JUNQUEIRA, F. G. C. **Confronto de Vozes Discursivas no contexto Escolar**: percepções sobre o ensino de gramática da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, PUC-Rio.

KRAMER, S. **Por Entre as Pedras**: arma e sonho na escola. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LINDE, C. **Life Stories: the creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993, p. 3-96.

MACHADO, I. Gêneros do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

MAGALHÃES, M. C. C. (Org.). **A Formação do Professor como um Profissional Crítico: linguagem e reflexão**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

MILLER, I. K. & MORAES BEZERRA, I. C. R. **Discurso da Reflexão e da Conscientização Profissional: A Contribuição da Prática Exploratória**. Publicação do III Seminário Integrado de Pesquisa em Língua Portuguesa. No prelo, 2003.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de Identidades**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

_____. **Identidades Fragmentadas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MR. HOLLAND: Adorável Professor. Direção de Stephen Herek. Produção de Ted Field, Michael Nolin e Robert W. Cort. Intérpretes: Richard Dreyfuss, entre outros. São Paulo: Flash Star Home Vídeo, 1995. 1 DVD (143 min.), sonoro, digital. Legendado. Inglês/Português.

NASCIMENTO DE PAULA, M. **Formação de professores na universidade: um espaço em construção**. São Paulo, 2001. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Teaching**. New York: Cambridge University Press, 1992.

PÉREZ GÓMEZ, A. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. [1988] Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas. 2001.

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://www.puc-rio.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2006.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma Lingüística Crítica**: Linguagem, Identidade e a Questão Ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIBEIRO, F. M. Investigando as representações que o professor de inglês da rede pública faz de si mesmo. In: CELANI, M. A. A. (Org.). **Professores e Formadores em Mudança**: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente. São Paulo: Mercado de Letras, 2003, p. 149-160.

RICHARD-AMATO, P. A. **Making it happen**: interaction in the second language classroom: from theory to practice. Second Ed. New York: Longman, 1996, p. 21-36.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Educação. Reorientação Curricular: segunda versão, Livro I – Linguagens e Códigos. Rio de Janeiro, 2005, p. 89-122.

TANNEN, D. **Repetition in Conversation**: towards a poetics of talk. *Language*, v. 63, n. 3, 1987, p.574-605.

TEZZA, C. *Sobre O autor e o herói – um roteiro de leitura*. In: FARACO, C. A., TEZZA, C., CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. [1996] Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p. 273-304.

_____. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997, p. 219-228.

WOLFSON, N. Speech Events and Natural Speech. In: COUTLAND, N.; JAWORSKY, A. **Sociolinguistic**: a reader. New York: St. Martin's Press, 1997, p. 116-143.

ANEXOS

Anexo 1: Entrevista-conversa com uma das professoras da escola pesquisada

Nomes fictícios foram utilizados para todos os participantes, inclusive a secretária que “interrompe a gravação” com duas linhas.

1 Alex: tá, vamos começar então... quais são as disciplinas
2 ensinadas na escola que você trabalha?

3 Lucy: aqui nós temos língua portuguesa, história,
4 geografia, matemática, língua estrangeira >aqui só
5 inglês< houve um tempo que aqui já foi ministrado
6 aula de francês... mas... >dava< dava muita
7 confusão. porque algumas turmas tinham francês,
8 outras tinham inglês, >aí quando chegava< no ano
9 seguinte não havia um acompanhamento, aí o aluno
10 que estudou na quinta com francês >na sexta
11 estudava inglês< aí... era uma loucura.

12 Alex: não era assim pra ele escolher de repente?

13 Lucy: não, não.

14 Alex: ah, eu
15 tive francês então vou dar continuidade... não?

16 Lucy: é...

17 não. a gente até tentou fazer isso, mas como era
18 opção do professor, e aí, tinha a: no <que o
19 professor> ... podia dar aquela aula, tinha ano que
20 não... >era uma experiência meio louca< ... hh.

21 Alex: e qual é a sua disciplina?

22 Lucy: >língua< estrangeira.

23 Alex: na SUA opinião existem disciplinas consideradas,
24 pelos alu:nos, pela direção... pelos próprios
25 profe=professores de outras línguas, ou até-
26 professores de inglês mesmo, como mais importantes?

27 Lucy: geralmente é português e matemática=isso fica muito
28 nítido até os professo::res.... quando se colocam
29 nos conselhos de cla::sse, são os que... parecem
30 que são os donos da bola. hh.

31 eles é que têm que tomar as decisões, os outros
32 são os outros.

33 Alex: e
34 uh-huh, e no seu ponto de vista >no seu caso a
35 disciplina é inglês< qual a importância da língua
36 inglesa pra VIda do aluno?

37 Lucy: °bem°. eu trabalho com inglês instrumental...
38 aqui... eu comece::i aqui em 96... eu trabalhava o
39 normal=seguindo lá o conteúdo programático que
40 vinha no livro >tudo bonitinho< só que... uns
41 ci::nco anos atrás, eu percebi que aquilo não tava
42 tendo efeito, principalmente com os alunos do
43 ensino médio. aí eu comecei a trabalhar inglês
44 instrumental, e comecei com as turmas pequenas o
45 uso de dicionário, leitu:ra, usava fita que a gente
46 usa em curso de inglês pra eles irem treinando >
47 audição< E, foi melhor.

48 Alex: uh-huh.

49 Lucy: ma:s... é... num determinado momento fica um pouco

- 1 Lucy: complicado, porque aqui na escola... é eu tenho
2 sorte que=um=alguns professores, eles dão muito
3 valor à língua estrangeira, >até pros seus filhos
4 então< então eles valorizam o trabalho do
5 >professor de língua estrangeira, professor de
6 educação física=até que são< valorizados... ↓né...
7 é eles falam com os alunos "olha essas disciplinas
8 são importantes" >°não sei o que°<=tem escola que
9 não. tem escola que você e na::da é a me:sma coisa.
10 NÃO, não reprova então esquece.
- 11 Alex: por que é inglês?
- 12 Lucy: é. pra quê quer saber↑isso? não sabe nem português.
- 13 Alex: uh-huh.
- 14 Lucy: e já aqui até que não.
- 15 Alex: e aí é, >quer dizer< essa importância que você dá,
16 você, sente que tem em relação à língua inglesa,
17 você se baseia em ↑que pra isso, na experiência
18 mesmo, [com outros professores, com os alunos?
19 Lucy: [não.
20 não, o que acontece, é que os alunos >por exemplo<
21 eles gostam (mas=é) até a vida cotidiana, eles têm
22 acesso a muita coisa em inglês=são músicas que eles
23 gostam. apesar da'gente trabalhar numa escola de
24 periferia muitos aqui tem televisão... a cabo
25 ↑entendeu, ou se não tem em casa, tem na casa da
26 >madrinha, da avó< então eles assistem outros
27 programas, eles se interessam, então (pOr), pela
28 necessidade=curso de informática que é até que
29 eles, eles têm bastante acesso °essas coisas° então
30 eles querem aprender novas pala:vras, querem saber
31 o significado de algumas frases, Gostam de, de...
32 compreender os textos... e quando você começa a
33 trabalhar >por exemplo< com os cognatos, eles se
34 apaixonam, porque, >eles começam a perceber< que
35 eles conseguem compreender um texto me:smo sem
36 saber todo o vocabulá:rio, então, por interesse
37 deles mesmos, °aí você vai trabalhã:ndo°.
- 38 Alex: existe alguma atividade complementar na escola?
- 39 Lucy: ... tem, eles chamam de... até >atividade
40 complementar mesmo< mas=eu=acho que estão sempre
41 ligadas a parte de ou de leiturização... , mais em
42 língua portu:ga... alguma coisa relacionada à
43 meio ambiente, e... as outras ativida:des, se têm
44 °eu desconheço°.
- 45 Alex: agora a pergunta que, talvez seja a pergunta CHAve,
46 ↓né, do que eu estou querendo saber=acho até que
47 você já, já respondeu um pouco no início. você
48 a:cha que existe algum preconceito por parte de
49 outros professores, por parte dos alu:nos, ou até
50 mesmo por parte da esco:la em relação à sua
51 disciplina?

- 1 Lucy: dos alunos não... talvez assim quando eles,
2 estejam, já numa (telefone toca) fase mais
3 adiantada no ensino médio, talvez sim. mas (não)
4 nas fases inicia:is é a sensação=acho que é a
5 disciplina que eles mais gostam=que eles mais têm
6 intere:sse >principalmente com quinta série<,
7 >adoro trabalhar com quinta série por causa
8 disso<. tu:do que você propõe é novo, é legal,
9 ele:s... têm muito interesse. AGORA... tem
10 preconceito tem é, mas, eu acho que não é muito com
11 a discipli:na, eles elegem o, o professor de,
12 dependendo de, de co:mo você é, de como você se
13 comunica, aí eles vão gostar ou não da sua
14 disciplina >estou falando dos outros colegas<.
- 15 Alex: uh-huh.
- 16 Lucy: ↓né. agora se é uma pessoa assim que eles num
17 (né)=aí, eles não sepa:ram.
- 18 Alex: mas aí aquele lance que você falou do conselho de
19 classe >por exemplo< ↓né que, bom, português e
20 [matemática
- 21 Lucy: [português, é inglês não reprova, aqui não tem
22 muito isso, você pode ... participar de qualquer
23 conselho que >inclusive o conselho participativo
24 com os alunos< que eles sempre >tão falando<
- 25 Lucy: "o::lha inglês e educação fí::sica e >não sei quê<
26 são matérias importantes que repr0vam, que vocês
27 precisam, ↓né. porque muitos desses professores,
28 te:m i:sso em ca:sa ↓né, são as pessoas que, que
29 trabalham com seus filhos e aí querem que o filho
30 faça o curso de inglês e tal, então eu acho que
31 eles já repetem tanto esse discurso em ca:sa, "meu
32 filho >você precisa fazer curso de inglês que vai
33 ser bom pra você<" então eles ficam repetindo isso.
34 (praticamente) que s:abe que é, que é importante,
35 não tem jeito, mas que há preconceito, eu a:cho que
36 há sim.
- 37 Alex: mas mais por parte de quem então?
- 38 Lucy: dos professores. dos alunos não. os alunos eu acho
39 que eles não, não [colocam
- 40 Alex: [talvez os alunos então de
41 [oitá::va série? primeiro ano, segundo?
42 Lucy: [isso.
43 talvez do segundo, é >do ensino [médio<
- 44 Alex: [sabe porque que eu
45 estou te perguntando ↑isso, porque, é, eu tive
46 uma, uma pesquisa numa turma de oitá:va em que
47 du=dois grupos entregaram o trabalho de inglês na
48 da:ta porque havia um outro trabalho de histó:ria
49 pra ser entregue também, então eles estavam na aula
50 de inglês fazendo o trabalho de histó:ria, no di:a
51 de entregar o trabalho de inglês.
- 52 Lucy: quando eles vão crescendo, vai tendo, mas isso é
53 refle:xo do que o professor, coloca em sala
54 ↓também, não porque o meu é mais importante,
55 °porque° o traba::lho de tal disciplina é, é o

- 1 Lucy: importante, então eles, isso é refle::xo ↓né.
 2 Alex: uh-huh.
 3 Lucy: e muito também, porque, às vezes o professor de
 4 inglês ele é muito complacente, ele aceita depois,
 5 “ah, não, tudo bem, não tem tanta importância
 6 assim”. quem é ma:is, contundente que, fica ali no
 7 pé deles mesmo, (você) ainda consegue, mas é, é
 8 claro, é um estresse ↓né. você vai se indispor com
 9 aluno, você vai se indispor com o seu cole:ga,
 10 porque o outro professor não quer entender i:sso,
 11 ah, ↓inglês, >inglês não serve pra nada< é uma, é
 12 um discurso contraditório, porque (tá o fulano) >
 13 “não que é importante não sei quê” < mas quando
 14 chega na hora de entregar o trabalho não entrega o
 15 meu, o meu é mais importa:nte=essa maté:ria é que
 16 vai ser importa:nte pra você, as outras não.
 17 Alex: e você? você, é, como é que você vê i:sso em
 18 relação... a o que=vamos, vamos supor que você está
 19 nessa situação. que você tá na sa:la, você pediu
 20 e:sse traba::lho, e dois grupos só entrega::ram,
 21 >você aceitaria depois<?
 22 Lucy: só dois grupos, entrega:ram?
 23 Alex: mas aí eles estão fazendo outro trabalho em sala.
 24 Lucy: >não<. não aceitaria, mas é uma coisa estra:nha, é,
 25 vou fa:lar um problema que aconteceu comigo na
 26 faculdade. eu fui fazer o curso de português inglês
 27 mas, da:ndo ênfase a inglês que >era o que eu<
 28 gosta:va, co:mo já trabalha:va (>era o que eu
 29 queria<). SÓ que na faculdade eu sempre da:va
 30 priorida:de, aos traba:lhos de língua portuguesa,
 31 de literatu:ra, porque o inglês eu já sabia
 32 [(sabe, sabe)
 33 Maria: [↑Lucy.
 34 Lucy: oi querida.
 35 Maria: ai, esqueci. (a secretária interrompe a entrevista
 36 e se desculpa pois esqueceu que estávamos gravando)
 37 lá na sala dos professores ainda tem mapa mundi?
 38 Lucy: tem.
 39 Maria: tem ↓né.
 40 Lucy: então o que acontecia? o de inglês... ou eu
 41 usa=achava não já sei, isso aí °tá bom°. eu nunca
 42 me interessava muito. se pega o meu hh histó:rico,
 43 eu sempre tirava, mas se, se tem nota ↓ba:ixa é na
 44 disciplina de inglês, não é na disciplina nem de
 45 português nem de literatu:ra, nem, até li, é,
 46 literatu:ra inglesa e americana até que >tudo bem<,
 47 mas aí é que você vê... que já tá intrínseco, a
 48 gente mesmo tem esse... não sei se é preconceito, o
 49 que que é, mas, é um [relaxamento.
 50 Alex: [com aquilo que você sabe
 51 [mais, de repente.]
 52 Lucy: [isso, há um relaxamento.
 53 porque você acha °ah, aquilo ali num°...
 54 Alex: você acha que esse pode ser o caso com os alunos?
 55 Lucy: eu acho que sim. eu acho que po::r você cobrar

- 1 Lucy: tanto=é=claro, você não vai fazer na esco:la... não
 2 vai ter a mesma atitude que você tem num curso de
 3 inglês=que você tem ali aquele conteú:do >com
 4 aquela coisa< rí::gida ↓né, tá ali dentro, de uma
 5 franquia, você tem que trabalhar naquele método >e
 6 tal<. dá uma coisa mais solta, mesmo quando você
 7 quer seguir o conteúdo to:do >é uma coisa mais
 8 solta porque< não é uma coisa, que vá depender
 9 daqui:lo pra, pra vida dele ↓né.
- 10Alex: uh-huh.
- 11Lucy: ele não tá, mudar a história da vida dele >por
 12 causa daquilo<. por ser mais solto eu acho que ele
 13 fala assim "não, eu, isso eu consigo fazer, >isso
 14 aí depois< eu vou dar uma estuda::da, vou fazer um
 15 traba::lho e tá tudo bem". eu acho que o alu:no
 16 também pensa um pouco assim.
- 17Alex: aí no caso >por exemplo<, você acha que aquele
 18 professor que e::le, não aceitaria o trabalho
 19 [depois, você disse que [não aceitaria, né?
 20Lucy: [uh-huh. [não.
- 21Alex: você acha que você ficaria depois, de repente, na
 22 visão dos alu:nos como aquela professora megera?
 23Lucy: ah, tem. mas se você for se preocupar com isso você
 24 nem levanta da cama ↓né. é megera um dia, noutro
 25 dia você é Ba:rbie, noutro dia você é
 26 maravilho::sa, isso aí é comum... não esquento com
 27 isso não hh. depende, depende da LUa... num dia
 28 eles estão pensando uma coisa a seu respeito, se
 29 não for você hoje vai ser a outra.
- 30Alex: então tá bom.
- 31Lucy: então tá.
- 32Alex: muito obrigada.
- 33Lucy: nada.

Anexo 2

Notas de campo:

Nota de campo nº. 1:

Em um conselho de classe de uma escola estadual do Rio de Janeiro em abril de 2004, os professores estavam reunidos à mesa na sala dos professores para repassarem os resultados de suas turmas à diretora da escola. Com todas as notas fechadas, a professora de inglês tenta iniciar o conselho quando é interrompida pela fala da professora de português: “Não, espera aí! Quem começa somos nós,...., afinal de contas, no final, as notas que vão importar mesmo são as nossas: português e matemática. Inglês é acessório. Quem vai pegar eles no final, somos nós”.

Nota de Campo nº. 2:

Durante uma das aulas de inglês em que a professora começa a falar um pouco sobre cultura norte-americana devido a um filme que havia sido passado para a turma, e a responder algumas das perguntas feitas pelos alunos, um deles dirige-se a ela e tece o seguinte comentário: “Professora, a senhora sabe inglês, né?”. Um pouco estarecida com a pergunta, ela lhe responde: “Bom, eu tenho que saber, né? Não é o que eu ensino?”. Ele responde de volta e a estarece ainda mais: “Ah, não, professora! Tem um monte de professor de inglês que não sabe inglês! A senhora sabe!”.

Nota de Campo nº 3:

Durante uma aula no curso de mestrado em Estudos da Linguagem no ano de 2005, os alunos discutiam a questão da socialização no ensino de línguas. Uma das alunas cita a questão do preconceito por parte de alguns alunos e professores no ensino/aprendizagem de inglês como LE em escolas públicas, e ouve de uma colega: “É assim mesmo. Os pais também são assim. Os pais e os alunos sempre dizem que o professor de escola não sabe que nem o professor do curso. Se for pública então, pior ainda”.

Nota de Campo nº. 4:

Durante uma conversa informal na sala dos professores onde o assunto principal era a necessidade de ler e estudar os PCN para um concurso público do Magistério para o município de Magé no Rio de Janeiro, uma das professoras tece o seguinte comentário: “Vocês vejam só que ridícula

essa história de aluno falar mais de uma língua estrangeira. Esse pessoal que escreveu esses PCN nunca deve ter entrado numa sala de aula lotada, com aluno segurando o caderno no joelho e rezando pra ter merenda. As crianças não falam nem português direito!”

Nota de Campo nº. 5:

Em uma conversa informal na sala dos professores, onde apenas estavam presentes uma professora de inglês e um professor de educação física, a professora pergunta a ele sobre a importância da educação física para os alunos da escola e recebe como resposta um relato do professor: “Pôxa, acho super importante esses jovens aqui da comunidade que vivem no tráfego ficarem aqui na escola batendo uma bola, aprendendo um esporte, por que o esporte ensina sobre coisas sadias. Agora, fica complicado. A gente está em maio e eu desde o começo do ano pedi bolas.” O professor se levanta, vai até um canto da sala e tira de um saco uma bola de basquete furada. Dirige-se a professora e mostrando-a completa: “Tá vendo essa bola? É de basquete. Só tem essa. Nesse bimestre, eu estou estudando e ensinando vôlei para as turmas de 5ª série. Eles jogam vôlei com bola de basquete. Fica difícil, né? Mas ninguém está nem aí. Estou desde o início do ano pedindo bola e já falei, daqui a pouco, não vai dar para jogar nem com essa aqui. Agora, frita de vídeo para ajudar na aula de matemática tem aos montes e os professores nem usam. Pra que comprar mais? Acho que tinha que ser balanceado o negócio. Compra uma bola num mês, uma fita no outro e por aí vai, sabe”.

Nota de Campo nº 6:

Ao andar pela rua em direção à sua casa, uma professora de inglês encontra um ex-aluno de uma turma de 8ª série de uma escola estadual. Quando a vê, ele diz: “Professora! Que bom ver a senhora!” Ao questioná-lo sobre o porquê, ele responde: “Pôxa, fessora, queria lhe agradecer! Estou trabalhando de garçom num restaurante chique no Rio e tem muito gringo que vai lá. Só com o que a senhora me ajudou consigo me virar legal lá. Sabe o show da Ivete Sangalo no Maracanã? Pois é, fui escalado pra trabalhar no camarim dela só porque me viro no inglês. Pô, brigadão, hein, fessora!”